

Eva Batličková

Construindo pontes: Ser judeu para os outros

“As duas maneiras de assumir-se judeu: para outros judeus, ou para o mundo. [...] podem complementar-se, e de fato o fazem nos períodos gloriosos da história judaica. Mas individualmente devemos escolher entre as duas, e devemos fazê-lo de acordo com o nosso autêntico estar-no-mundo. Devemos ser fieis a nós mesmos, a fim de podermos superar-nos. O sionismo é sistólico: concentra-se sobre o judaísmo. O que nos faz falta é o movimento diastólico que abre o judaísmo para os outros, ao se abrir para eles.”

Vilém Flusser

1. Ser judeu para os outros

A epígrafe que introduz o presente texto encerra o breve ensaio *Ser Judeu* com o subtítulo *Aspecto existencial* da coletânea de mesmo nome publicada pela primeira vez na Alemanha, em 1994, como *Jude sein* e, em 2014, no Brasil. Na reflexão, que provavelmente provém do ano 1990,¹ Flusser questiona a condição judaica e problematiza tanto seu entendimento como simplesmente natural (étnico) ou como simplesmente cultural (religioso). Polemiza com a concepção de Sartre, para quem o judeu é judeu pelo olhar do outro e lamenta que uma das trágicas consequências do nazismo é a ocultação do fundamento mais autêntico da condição judaica. Esse fundamento velado há décadas, determina dois tipos de judeus conforme o filósofo: os que são judeus para outros judeus, e os que o são para o mundo.² Sem sombra de dúvida, Flusser se identifica com o segundo tipo de judeu. Vejamos mais de perto como se articula sua posição e como ela se manifesta na sua obra.

Vilém Flusser nasceu em maio de 1920 no seio da comunidade judaica de Praga, bastante particular no contexto das outras, mais ou menos próximas. A Boêmia ainda na época do Império Austro-Húngaro, antes de conquistar sua independência em 1918, era uma das regiões mais industrializadas e Praga um dos centros culturais da parte austríaca do Império. Assim como toda a sociedade tcheca, também a comunidade judaica apresentava traços que a caracterizavam como ocidental: alto grau de escolaridade, alto número de casamentos mistos, baixa natalidade,

¹ A argumentação desenvolvida no ensaio corresponde a conteúdo da carta escrita em 1/1/1990 e endereçada a Milton Vargas.

² Flusser, Vilém. *Ser Judeu*, Annablume, São Paulo 2014, p. 75-82.

concentração nas grandes metrópoles, abandono da vida religiosa e do uso de iídiche.³ O próprio Flusser considera-se um judeu assimilado⁴. As lembranças da Praga da sua infância e adolescência descreve no seu primeiro ensaio que foi publicado no Brasil, em *O Estado de São Paulo*, 28 de outubro de 1961, *Praga, a cidade de Kafka*.

Vista superficialmente, é a cidade resultado e causa de luta entre três povos: o tcheco, o alemão e o judeu. No fundo, no entanto, não há três populações em Praga, mas uma só: a praguense. Os alemães de Praga não sabem o quanto são tchecos, os tchecos não sabem o quanto são alemães, e ambos não sabem o quanto são judaizados. Os judeus de Praga são talvez os mais assimilados entre todos os judeus do mundo, por se terem assimilado a dois povos, mas conservam o seu judaísmo como uma espécie de “Ponte Carlos” ente os dois povos.

O pai de Vilém, Gustav Flusser, é um belo exemplo de judeu praguense. Era um intelectual de orientação política socialista e uma personalidade que com entusiasmo exercia a função de ponte entre as culturas tcheca e alemã. Em 1909, tornou-se professor da academia de comércio alemã, *Deutschen Handelsakademie*, onde dava aulas não só de matemática, mas também de língua tcheca. Em 1910, escreveu a tese de habilitação *O Teatro Tcheco nos Últimos Trinta Anos*⁵. O texto foi rejeitado, muito provavelmente devido à tensão política do Império às vésperas de sua dissolução, tendo em vista que o teatro foi um dos elementos cruciais no renascimento da identidade e da língua tchecas, abafadas há séculos sob domínio da cultura alemã. Gustav conseguiu defender seu trabalho apenas em dezembro de 1918, depois da instauração da Tchecoslováquia. No país recém fundado, fazia parte do grupo de intelectuais e artistas “Pátečníci”⁶, ligado ao presidente Tomáš Garrigue Masaryk, e traduziu do tcheco para o alemão alguns de seus ensaios sociológicos, publicados em 1921 sob título *Aus Masaryks Werken*. Ao mesmo tempo, Gustav se engajava na vida cultural e filantrópica da comunidade judaica de Praga, um dos privilégios e obrigações que lhe trouxe o casamento com Mellita Basch, moça de uma importante família judaica de industriais. Em 1913, foi aceito como membro da loja da Ordem da B’nai B’rith da Boêmia.⁷

A experiência com a comunidade judaica de Praga marca profundamente o pensamento de Vilém Flusser. Embora suas ambições no início da sua carreira sejam filosóficas *stricto senso* e seu desejo seria de se tornar uma ponte entre a filosofia analítica e a fenomenologia com o existencialismo,⁸ sua tarefa na história do pensamento seria outra. Assim como judeus de Praga eram para ele uma ponte entre a cultura tcheca e alemã, ele próprio acabou tornando-se uma ponte

³ Čapková, *Religio* XV/2007/1, “Židovská náboženská komunita v českých zemích mezi válkami”, p. 48.

⁴ Flusser, Vilém. *Ser Juden*, Annablume, São Paulo 2014, p. 78.

⁵ Das tschechische Theater in den letzten 30 Jahren

⁶ Palavra derivada de “sexta-feira”, conforme o dia de seus encontros.

⁷ Koeltzsch, Ines. *Gustav Flusser. Biographische Spuren eines deutschen Juden in Prag vor dem Zweiten Weltkrieg*, FS 05, 2007.p. 4-5.

⁸ Carta a David Flusser, 24.9.1951. Flusser, V. *Língua e realidade*, Annablume, São Paulo, 2004, p. 203.

entre a experiência judaica e o pensamento universal. Muitos de seus textos importantes partem da sua experiência com o judaísmo que se transforma no processo da escrita em uma mensagem destinada a humanidade inteira.

Há uma sequência de cartas dos últimos dois anos de sua vida que trazem à tona o processo dentro do qual se metamorfoseia sua escrita, processo que está inerente a seus textos desde o princípio.

2. Construindo pontes

No final do ano de 1989, Vilém Flusser sofre um forte ataque de asma, fica quatro dias em coma e três semanas no hospital. Na véspera do Natal, em 23 de dezembro, escreve uma carta para Milton Vargas, ainda durante a recuperação numa clínica em Davos, nos Alpes suíços.

Meu caro amigo Milton, depois de ter “passado pelo vale da sombra da morte” (rei David) decidi deixar cair tudo e tentar escrever um “livro judeu”. Não no sentido dos atuais filósofos “oficiais” do judaísmo, como Levinas⁹ ou Jabès¹⁰, que glorificam o judaísmo enquanto “estrutura fundante do Ocidente” ou enquanto “praxis do amor”, mas a fim de superar o judaísmo ao nível do universalismo. [...] Se quero “superar” o judaísmo, devo assumi-lo, e para assumi-lo, devo assumir o “meu”. Sou portador do judaísmo praguense. [...] verifico que meu judaísmo praguense abarca grande parte da cultura ocidental, que não é ramo de árvore, mas ponto de convergência de ramos.

Flusser termina sua carta com a pergunta à qual responde de imediato: “Por quê o livro judeu depois da experiência da morte? Porque a dignidade humana é a tentativa de superar as condições dentro das quais fomos lançados sem termos sido consultados, e porque o judaísmo é uma de tais condições a serem ultrapassadas. Mas há Auschwitz (coisa insuperável). Quando cheguei a mim depois de 4 dias de morte clínica, vivenciei a surpresa indigestível: como e por quê Auschwitz? Para falar contigo: qual o sentido disto? O livro projetado é, entre outras coisas, confissão de tal sem sentido (que Ele escondeu Sua face).”

Flusser, realmente, começa a trabalhar no livro. Escreve a introdução em alemão e logo a traduz para o português. Em 1 de janeiro de 1990, redige outra carta a Vargas. “Meu querido amigo, iniciei

⁹ Emmanuel Levinas, filósofo francês nascido na Lituânia em 1906 num meio judeu culto. Sua educação na infância e juventude abrangeu tanto o conhecimento da Bíblia e da sua interpretação talmúdica como o da literatura universal. Desde 1923 estudou filosofia em Estrasburgo na França e em 1928-1929 em Friburgo na Alemanha com Husserl e Heidegger. Seu pensamento foi influenciado principalmente pela leitura de Bergson e pela fenomenologia. A obra de Levinas desenvolve-se em dois planos: no plano dos comentários talmúdicos e no plano filosófico como fenomenologia descritiva em busca do concreto existencial.

¹⁰ Edmond Jabès, poeta e escritor judaico, nascido no Egito em 1912, mais tarde radicado na França (1956), onde recebeu Prêmio dos Críticos em 1972 e Grande Prêmio Nacional da poesia, em 1987. Seus poemas remetem, com frequência, ao misticismo judaico e à Cabala.

o ano com a tradução da introdução do “livro judeu” em curso. [...] Passei a fazer balanço, o resultado não é brilhante: *mene tekel upharsin*¹¹ [...] O “livro judeu” procurará dar conta do meu fracasso enquanto judeu.”

A carta segue acompanhada de um texto intitulado *Até a terceira e a quarta geração* com o subtítulo *Mobicanos*¹², uma introdução do “livro judeu” que Flusser menciona. O texto começa com o seguinte parágrafo: “Somos animais que negam, e isto é nossa dignidade (o que nos distingue dos demais organismos). A existência humana não é posição, mas negação, a saber negação de si mesmo e da circunstância que condiciona. [...] Com efeito: somos animais que opõem ao ser-assim o dever-ser, que negam o real pelos valores. A existência humana é a tentativa (frustrada) de valorar o real e realizar valores, e, ao tentar fazê-lo, modificar-se.”

E continua: “Para poder negar sua condição é necessário primeiro admiti-la. Se não admitirmos sermos mamíferos e insistirmos querer ser aves, jamais voaremos. [...] O presente texto procurará considerar a condição de ser judeu praguense. [...] Deverá procurar assumir plenamente tal condição, antes de tentar superá-la. [...] o texto não deve ser autobiografia. Ser judeu de Praga não deve ser problema a ser analisado introspectivamente. O texto deve partir do seu autor em direção dos poucos sobreviventes e numerosos mortos, a fim de assumir o problema intersubjetivamente.”

Flusser recusa-se a simplificar o problema definindo judeu praguense como um judeu morno bilíngue, que participa das culturas tcheca e alemã.

Se, no entanto, toda simplicidade for evitada, o problema metodológico se manifesta. Do ponto de vista filogenético o judaísmo praguense se apresenta enquanto ramo morto da árvore genealógica da cultura ocidental, e o ramo morreu por ser o judaísmo praguense extrema especialização incapaz de sobreviver e de fazer face aos desafios do nazismo e dos acontecimentos posteriores. Mas do ponto de vista ontogenético, o judaísmo de Praga se apresenta enquanto convergência de numerosos ramos da cultura ocidental, e alguns desses ramos convergem apenas aqui e não alhures. De modo que a morte do judaísmo praguense não parece devida à especialização, mas parece que com o desaparecimento dos judeus praguenses, desaparece toda uma variante da cultura ocidental inteira. [...] Não resta dúvida que do ponto de vista filogenético, o cristianismo é ramo do judaísmo, embora ramo mais grosso que o tronco, e embora rebata sobre o tronco como chicote. Em tal sentido, o judaísmo praguense (como o judaísmo todo) se assume

¹¹ A expressão está relacionada a um relato bíblico que se encontra no livro do profeta do exílio, Daniel. As palavras misteriosas escritas por uma mão igualmente misteriosa na parede do palácio real na noite de grande banquete do rei da babilônia Baltazar. Daniel é introduzido à presença do rei para interpretar a escrita: Daniel 5: 25-28 “A inscrição, assim traçada, é a seguinte: Menê, Menê, Teqel, Parsin. E esta é a interpretação da coisa: Menê - Deus mediu o teu reino e deu-lhe fim; Teqel - tu foste pesado na balança e foste julgado deficiente; Parsin - teu reino foi dividido e entregue aos medos e aos persas.” Assim o profeta anuncia a morte do rei, que acontece na mesma noite.

¹² Flusser cria associação com o povo indígena estadunidense, Moicanos, à beira da extinção e que ganhou notoriedade devido ao livro de James Fenimore Cooper, *O último dos moicanos*, de 1826.

enquanto fonte do cristianismo. Mas de ponto de vista ontogenético, o judaísmo praguense contém e abarca o cristianismo. [...] Aqui surge a questão fundamental deste ensaio todo. Para quê querer superar a condição cultural – a qual de toda forma já desapareceu? A resposta é paradoxal, não obstante irrefutável. Condição cultural desaparecida e não superada continua agindo virtualmente.

Flusser encerra seu texto: “Este texto resistirá ao sentimentalismo: não chora sobre focas ou moicanos. Crê que a verdadeira homenagem devida aos mortos é assumi-los como se fossem vivos. (O que de certa maneira está na mente de quem escreve isto.)”

Flusser imerge febrilmente no tema judaico. Três dias depois, 4 de janeiro, escreve novamente a Vargas. “Meu caro amigo, bombardeio-te com cartas para esclarecer meus pensamentos ainda confusos.” Dessa vez, discorre sobre o antissemitismo. “Creio que há feed-back entre antissemita e judeu: a existência de judeus é escandalosa em todo contexto no qual vivem (as razões do escândalo divergem, o que prova que se encontram na forma mesma da existência judia) e o judaísmo se fortifica pelo antissemitismo. Provavelmente sem antissemitismo o judaísmo desaparecia e os judeus se dissolveriam. O violento antissemitismo islâmico, e o ressurgimento de antissemitismo na Europa oriental “libertada” (dostoievskiano na Rússia, católico na Polônia, ortodoxo na Romênia, etc.) garantem a continuidade do judaísmo. Com esta reflexão melancólica encerro esta carta, para te mostrar em que becos sem saída meu projeto de “livro judeu” me força.”

No final de janeiro, Flusser deixa a clínica nas montanhas e retorna para sua casa em Robion, na Provença francesa. Em 4 de fevereiro de 1990, escreve uma carta a seu primo David Flusser em Jerusalém. Conta sua experiência com a morte clínica e também a ele apresenta seu projeto intelectual mais novo. Flusser escreve em alemão, no entanto a tradução portuguesa da carta está disponível no livro *Ser Judeu*.¹³ Vilém relata a David, que umas das primeiras palavras que ele ouviu, depois de voltar à vida, foram: “Praga foi libertada”¹⁴, pronunciadas por um médico do hospital em Avignon onde se recuperava. Flusser conta que o fato despertou uma série de lembranças nele e na sua esposa Edith, e um desejo de escrever um ensaio sobre os judeus de Praga, intitulado *Moicanos*, seguindo a estrutura: Golem – Kafka – Auschwitz – Slánský¹⁵. Já nessa carta comenta com David que a tarefa é mais difícil para ele do que parecia no início, porque “conheço muito pouco Praga e muito menos o Judaísmo, embora ambos corram em minhas veias.”¹⁶

¹³ Flusser, V. *Ser Judeu*, Annablume, São Paulo, 2014, p. 63.

¹⁴ Em 17 de novembro de 1989 começou a Revolução de Veludo na antiga Tchecoslováquia, uma revolução pacífica com objetivo de depor o governo comunista. Em 10 de dezembro o presidente vigente renunciou e o país tomou rumo das primeiras eleições livres desde 1946.

¹⁵ Rudolf Slánský foi um importante político tcheco do Partido Comunista, de origem judaica. Em 1935 tornou-se deputado federal. Em 1938 emigrou para Moscou onde fazia parte da resistência tcheca no exterior. Em 1945 voltou ao país, entrou na alta política e tornou-se um dos chefes do Partido Comunista. Depois do golpe comunista em 1948, participou ativamente na repressão violenta à oposição. Em novembro de 1951, tornou-se uma das vítimas dos processos Stalinistas, sendo acusado de espionagem, de traição à pátria e de sabotagem. Slánský foi enforcado em 3/12/1952. Em 1963 foi reabilitado judicialmente.

¹⁶ Flusser, V. *Ser Judeu*, Annablume, São Paulo, 2014, p. 64.

Onze dias mais tarde, em 15 de fevereiro, relata a Vargas a crescente dificuldade de continuar trabalhando no seu “livro judeu”: “O meu projeto de *longue balaine* vai muito devagar, porque os franceses e sobretudo os alemães me solicitam, e eu não tenho mais força de dantes. Mas a coisa vai mexendo na minha cabeça [...]” Nessa carta e em outra, de 18 de fevereiro, reage aos argumentos de Vargas sobre a relação entre judaísmo e cristianismo, no entanto, o tema do livro judeu começa a ceder cada vez mais espaço à situação política no Brasil, aos eventos ligados ao aniversário 70 anos de Flusser e, também, aos novos temas de ensaios nos quais trabalha. Nas próximas cartas, o judaísmo continua presente, mas do “livro judeu” não se fala mais.¹⁷

Em 18.4.1990, Flusser escreve a David sobre a intenção de publicar um novo ensaio, intitulado *Kann man sein eigenes Judentum überholen? (É possível superar sua própria condição judaica?)*. O ensaio sai no mesmo ano na revista hamburguesa *Spuren*¹⁸. O foco é o antissemitismo com suas inúmeras formas tanto históricas quanto atuais e como ele marca a vivência da condição judaica de seus portadores.

Quando se assiste aos rabinos israelitas na TV, tem-se vontade de esconder a própria condição judaica. Mas, na verdade, quando se assiste nessa mesma TV aos comerciais, a vontade é de se esquecer da própria humanidade.¹⁹

E algumas páginas mais adiante: “Uma pessoa assim é induzida às seguintes considerações: eu tentei transcender minha condição judaica, porque muita coisa nessa condição não me agradava e porque, nela, eu não conseguia me reconhecer. Essa tentativa, na realidade impossível, não me ofereceu uma compreensão do judaísmo, mas um panorama do antissemitismo.”²⁰

As cartas que Flusser envia a Vargas deixam de ser escritas em ritmo vertiginoso, adquirindo a frequência de uma vez por mês, em média. Flusser começa a trabalhar em outro projeto ambicioso, que expõe primeiro a seu primo David no final do ano, em 25 de novembro de 1990:

Pretendo escrever um ensaio sobre projeção (projeto) em oposição à submissão (subjetividade). Tomara que Deus me dê tempo e energia. Será composto de três partes: por enquanto, instante, reflexão. A primeira parte deve tratar sobre a mão, ato, manipulação, manifestação, etc. A mão como um órgão para superação do estado biológico. [...] Agora, por enquanto significa, que nós estamos por enquanto aqui, mas o momento projetivo já está no outro lugar. Uma pergunta para você, meu Doutor nos assuntos judaicos: É possível dizer, nós somos da

¹⁷ Correspondência entre Vilém Flusser e Milton Vargas, 1966 – 1991, Arquivo Flusser, Universidade das Artes de Berlim (UdK).

¹⁸ *Spuren*, n. 33, 1990, S. 18f. Tradução portuguesa do texto foi publicada no livro *Ser Judeu* (Flusser, 2014), sob título: Pode-se transcender sua própria condição judaica? Um lembrete.

¹⁹ Flusser, V. *Ser Judeu*, Annablume, São Paulo, 2014, p. 67.

²⁰ *Ibidem*, p. 70.

Mão Poderosa²¹ (HaYad HaChazakah), de lá para cá fomos concebidos, como mera disposição por enquanto, por assim dizer um projeto do Egito para a Utopia, mas sem ter chegado ainda? Os judeus são projetos (designs), ainda-não-homens do por enquanto? E por isso eles se parecem com caricaturas?

Alguns meses mais tarde, Flusser apresenta seu projeto do livro a Vargas, precisamente na carta de 28.7.91. Nessa altura, o tema está amadurecido, modificado e abrangendo a humanidade como um todo. “Há um ano trabalho (lentamente) sobre o livro que pretende ser a soma dos meus pensamentos. Deve chamar-se “Menschwerdung” (humanização), e estar composto de três partes: a) Vorderhand (por enquanto), b) Augenblick (instante), e c) Spurlos²² (sem vestígios). Tratará da vida a) ativa b) contemplativa e c) do absurdo. O método será fundado sobre a tese que a ontogênese segue a filogênese, que nossa vida de cada qual repete a história da humanidade. [...] Meu texto deverá ser depoimento (irônico, mas sofrido) de um sobrevivente. O projeto é ambicioso, já que exigirá mobilização de várias disciplinas. A primeira parte [...] deverá estar pronta em fins de 92 e comportará 250 páginas impressas.”

A morte de Flusser, apenas alguns meses depois dessa carta, em 27 de novembro de 1991, abortou tanto esse projeto como todos outros possíveis. Difícil dizer se o filósofo um dia voltaria a trabalhar no seu “livro judeu”. De qualquer maneira, no Arquivo Flusser em Berlim, encontra-se apenas a introdução ao ensaio: *Até a terceira e a quarta geração: Moicanos*, em duas versões, alemã e portuguesa. O manuscrito de *Menschwerdung* (*Humanização*, como o próprio Flusser traduziu) por sua vez, o pensador conseguiu concluir – faltava apenas a última leitura do texto completo e eventuais alterações.²³ O extenso ensaio foi publicado em 1994 pela editora Bollmann²⁴.

Na apresentação de *Menschwerdung*, Flusser constata que seu texto está sendo escrito no momento do ocaso da civilização ocidental, que será logo substituída por uma outra. Ele define seu livro como história de moicanos e comenta que nessa altura ontogênese e filogênese se misturam. Com o ser termina uma espécie e com a espécie um ser. “O último moicano, quando escreve sua própria história, escreve ao mesmo tempo a história da tribo dos moicanos.”²⁵ O evento que o autor considera o marco na história da civilização ocidental é Auschwitz. A partir desse momento, o homem foi obrigado a se dar conta de que suas referências antigas, sejam elas religiosas ou progressistas, não valem mais. Nesse momento sombrio da civilização ocidental, beirando ao

²¹ Flusser se refere a última parte do Deuteronômio que trata da morte de Moisés. Deuteronômio 34:10-12: “E em Israel nunca mais surgiu um profeta como Moisés – a quem Iahweh conhecia face a face, - seja por todos os sinais e prodígios que Iahweh o mandou realizar na terra do Egito, contra Faraó, contra todos os seus servidores e toda a sua terra, seja pela mão forte e por todos os feitos grandiosos e terríveis que Moisés realizou aos olhos de todo Israel!”

²² Tradução do alemão: sem vestígios

²³ Guldin, R. *Philosophieren zwischen den Sprachen. Vilém Flussers Werk*. Wilhelm Fink Verlag, München, 2015, p. 366.

²⁴ Flusser, V. *Vom Subjekt zur Projekt. Menschwerdung*. Bollmann Verlag, Düsseldorf, 1994.

²⁵ Flusser, V. *Vom Subjekt zur Projekt. Menschwerdung*. Bollmann Verlag, Düsseldorf, 1994, p. 167.

suicídio da humanidade, há, no entanto, uma luz no horizonte; uma luz em forma de uma por enquanto distante possibilidade do nascimento de um novo homem.²⁶

As cartas que Vilém Flusser trocou no final da vida com seus interlocutores mais próximos, Milton Vargas e seu primo David Flusser, têm caráter revelador. Elas mostram de maneira muito clara como o filósofo no decorrer de dois anos transformou sua experiência do coma, profundamente marcada pela angústia do holocausto, em um livro que Andreas Ströhl, em sua tese de doutorado iria chamar de “[...] uma antropologia cultural projetiva que descreve a situação na qual se encontra o *homo sapiens sapiens*.”²⁷

Referências bibliográficas:

- Čapková, Kateřina. *Religio* XV/2007/1, “Židovská náboženská komunita v českých zemích mezi válkami”
- Flusser, Vilém. *Da religiosidade*, Escrituras, São Paulo, 2002.
- Flusser, Vilém. *Língua e realidade*, Annablume, São Paulo, 2004.
- Flusser, Vilém. *Ser Judeu*, Annablume, São Paulo 2014.
- Flusser, Vilém. *Vom Subjekt zur Projekt. Menschwerdung*. Bollmann Verlag, Düsseldorf, 1994.
- Guldin, Rainer. *Philosophieren zwischen den Sprachen. Vilém Flussers Werk*. Wilhelm Fink Verlag, München, 2015.
- Koeltzsch, Ines. *Gustav Flusser. Biographische Spuren eines deutschen Juden in Prag vor dem Zweiten Weltkrieg*, FS 05, 2007.
- Ströhl, Andreas. *Die Geste Mensch. Vilém Flussers Kulturtheorie als kommunikationsphilosophischer Zukunftsentwurf*, Philipps-Universität Marburg (Europäische Ethnologie / Kulturwissenschaft), 2009.

Material inédito:

- Correspondência de Vilém Flusser com David Flusser
Correspondência de Vilém Flusser com Milton Vargas

²⁶ Ibidem, p. 178.

²⁷ Ströhl, A. *Die Geste Mensch. Vilém Flussers Kulturtheorie als kommunikationsphilosophischer Zukunftsentwurf*, Philipps-Universität Marburg (Europäische Ethnologie / Kulturwissenschaft), 2009, p. 256.